

A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER NEGRA NA ARBITRAGEM DO FUTEBOL: OS DESAFIOS E ENFRENTAMENTOS NA PROFISSÃO

Eixo Temático ET 30 - Práticas Corporais: Diálogos com Gênero, Corpo e Sexualidade

Letícia Mossate Jobim ¹
Márcia Alves da Silva ²

RESUMO

Esse artigo apresenta o recorte de um estudo que investiga a presença de mulheres em profissões tradicionalmente masculinas sob a ótica da interseccionalidade, utilizando o método biográfico aliado aos estudos de gênero e do mundo do trabalho. Para isso, analisamos a trajetória profissional de uma mulher negra que atua como árbitra de futebol, profissão que por muito tempo foi proibida às mulheres. Evidenciamos reações de ‘estranhamento’ quando uma mulher negra ocupa uma posição que lhe confere poder e respeito; que os méritos e conquistas na sua trajetória não são relacionados à sua competência, mas a uma possível troca pelo corpo. Ainda que pese, sua presença nesse lugar contribui, sobretudo, para desalojar hierarquias e romper com estereótipos de gênero, raça no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Gênero; Trabalho.

INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, realizamos um levantamento no site do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada³ (IPEA) a respeito da participação das mulheres no mundo do trabalho. Primeiramente, analisamos a taxa de participação

¹Doutoranda em Educação (PPGE-UFPEL). Professora do Instituto Federal Farroupilha (IFFar). Grupo de Pesquisa D’Generus: Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero (UFPEL). Brasil. E-mail leticia.jobim@iffarroupilha.edu.br

²Pós-Doutora em Educação (PUC RS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFPEL). Grupo de Pesquisa D’Generus: Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero (UFPEL). Brasil. E-mail profa.marciaalves@gmail.com

(quociente da população economicamente ativa) das mulheres com 16 anos ou mais, na década de 1995 a 2015⁴. Verificamos uma diferença mínima, com poucas alterações de um ano para outro: no ano de 2015, o percentual de mulheres brancas correspondia a 55,2%, e das negras, 55,3%.

Analisamos ainda os setores de atividades da população feminina por cor/raça⁵. Nos detivemos nos dados de 2015 e na faixa etária de 25 a 29 anos, considerando que, geralmente, é nessa faixa que se dá a inserção no mercado de trabalho.

As informações coletadas demonstraram que na referida faixa etária, as mulheres negras predominam nos setores da agricultura, num percentual de 8,2%; as brancas aparecem com 3,5%. Nos serviços auxiliares (caracterizados por atividades de alojamento, alimentação, transporte, comunicação e armazenagem) as mulheres negras ocupam 8,9% e as brancas, 7,4%; em serviços sociais (caracterizados por serviços domésticos, educação e saúde), as mulheres negras ocupam 29,8%, e as brancas, 26,8%. Nas atividades “outros” (prestação de serviços, outras atividades, outros serviços coletivos, sociais e pessoais e atividades mal definidas), as mulheres negras correspondem a 16,9% e as brancas, 2,6%. Nas áreas de administração, 4,3% são ocupadas por mulheres brancas e 3,7% por mulheres negras; na indústria, 13,1% são brancas e 10% de mulheres negras.

Em decorrência dos dados obtidos, evidenciamos que nas atividades de maior prestígio, tais como administração e indústria, as mulheres brancas são maioria. Nas de menor prestígio, como agricultura, serviços gerais e sociais, as negras são maioria, apesar de possuírem uma participação superior que as brancas no mercado de trabalho.

Nesta mesma faixa etária analisamos a posição na ocupação⁶. Verificamos que as mulheres que exercem atividades com carteira assinada são 58,9% mulheres brancas e 45%, negras; na categoria sem carteira assinada, as brancas aparecem num percentual de 11,9% e as negras, 15,7%; na ocupação de empregadas domésticas o percentual é de 12% de mulheres negras e 5% de brancas. Como empregadoras, as brancas aparecem com 1,8% e as negras, 0,9%. Na posição ‘outros’ (trabalhadores na produção para o próprio consumo, trabalhadores na construção para o próprio uso e trabalhadores não remunerados), as negras ocupam 6,9% e as brancas, 3,1%.

⁴ https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_mercado_trabalho.html , tabela. 61b2.

⁵ A população negra é formada por pretos e pardos.

⁶ https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_mercado_trabalho.html . Tabela 6.4d2

A partir dessas informações concluímos que as mulheres negras aparecem nas posições mais precárias, profissões de menor prestígio e de menor poder em relação às brancas. Entretanto, esses dados não causam muito espanto, pois a sociedade naturalizou determinadas ocupações e posições para as mulheres negras e outras para as brancas. O que causa maior espanto é quando elas exercem profissões e ocupam lugares que não aqueles que lhes foram socialmente instituídos. Um desses lugares é o campo de futebol, como veremos a seguir.]

AS MULHERES E O FUTEBOL

Pouco se sabe sobre a trajetória de mulheres no futebol brasileiro, pois, durante muito tempo, a participação feminina restringiu-se às arquibancadas. Conforme descreve Rodrigues (1964), inicialmente, o futebol foi um esporte elitizado e as mulheres que tinham acesso eram somente as filhas de aristocratas que iam para assistir a seus pares.

À medida que o esporte foi se popularizando e o elitismo e os bons modos foram dando lugar a alegria e a vibração populares, os personagens também foram se transformando. Os jogadores entravam em campo devido aos seus talentos e não mais pelo sobrenome que carregavam: “mudava também o público, que agora frequentava mais os galpões das fábricas que os seletos salões de baile dos clubes”. (FRANZINI, 2005, p.318)

Conforme o mesmo autor, foi somente a partir de 1940 que surgiram as primeiras equipes de futebol feminino, e, de imediato, despertaram amores e ódios tornando-se alvos de críticas e zombarias. Franzini (2005) relata o transtorno causado por um cidadão comum, chamado José Fuleira, que sem nenhum conhecimento educacional ou científico, decide por conta própria escrever uma carta ao então presidente da República, Getúlio Vargas, alertando-o para a ‘calamidade’ que estava prestes a desabar em cima da juventude feminina no Brasil. A carta dizia o seguinte:

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe ... [...]

Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que,

em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães, que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes [...].⁷ (FRANZINI, p.319-320)

Essa carta foi suficiente para gerar alvoroço e preocupações com os riscos ao ‘frágil’ organismo feminino. Foi então que, a fim de referendar tais argumentos, a ‘voz’ da ciência foi ouvida:

[...] o jornal A Gazeta Esportiva publicava a “opinião autorizada” do doutor Leite de Castro, “o primeiro médico do Brasil que se dedicou especialmente à medicina esportiva”. Entre outras coisas, o douto doutor dizia que “não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará. Pelo contrário — é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras conseqüências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero)”⁸. (FRANZINI, p. 321)

Concordamos com o autor, quando diz que a preocupação maior não era a prática do futebol pelas mulheres e sim, a invasão ao espaço dos homens e o abandono das suas ‘funções naturais’. Afinal, tudo o que representa uma ameaça à hegemonia masculina e a perda de seus privilégios precisa ser combatido, e, para isso, apela-se ao discurso das diferenças biológicas e aos ‘essencialismos’ femininos. Todavia, esses não se aplicam às mulheres negras, que sempre foram vistas como aptas ao trabalho, em especial o braçal; também não se estende a elas o discurso de corpos frágeis, tampouco os lugares que lhes são destinados são os mesmos que os das mulheres brancas. Ou seja, conforme a cor, existem determinados lugares, profissões e posições que lhes são permitidas ou não. E quando se trata de profissões historicamente masculinas, a resistência e o preconceito são ainda maiores.

Para melhor entendermos essas contradições na atualidade, nos propomos a analisar os desafios enfrentados por uma mulher negra que exerce uma profissão tradicionalmente masculina, a arbitragem do futebol, pois, apesar de ser comum a presença de atletas negros e negras no futebol brasileiro, não é comum ver uma árbitra negra.

⁷ Carta de José Fuzeira ao Ilmo. Sr. Presidente da República, Dr. Getulio Vargas. Rio de Janeiro, 25.04.1940. Arquivo Gustavo Capanema — CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (RJ): GC 36.04.22/g — Filme 42 — mf. 0117.

⁸ **Uma opinião autorizada:** não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará. A Gazeta Esportiva, São Paulo, 29.06.1940, p.10.

A pesquisada faz parte da Federação Gaúcha de Futebol Sete e Salão. A entrevista foi realizada no dia 27/08/2020, de forma virtual, com duração de 104 minutos. Para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos o método biográfico, aliado aos estudos de gênero e trabalho, numa perspectiva interseccional, que considera e faz dialogar diversos marcadores sociais, no caso gênero e raça.

Sobre a pesquisa biográfica, de acordo com Josso (2016), ela permite avaliar as mudanças sociais e culturais a partir de vivências singulares e analisar a evolução dos contextos da vida social e profissional. Pode ser entendida como um laboratório de compreensão de nossas aprendizagens e vivências em um mundo móvel, cuja existencialidade do ser está sempre em construção e obra.

AS PEDRAS NO MEIO DE CAMPO: MISOGINIA, RACISMO E ASSÉDIO

A árbitra iniciou o relato falando sobre o impacto familiar no momento da escolha pela profissão. Relatou que logo que comunicou à família, seu pai ficou preocupado e de pronto alertou-lhe sobre as dificuldades que enfrentaria por ser uma mulher negra:

Meu pai me dizia: - Pra ser respeitada você vai ter que trabalhar cinco vezes mais que uma pessoa branca, e se você escolher errado uma profissão, vai carregar isso pro resto da vida. Quando eu me formei, ele disse que eu estava trilhando um caminho que iria me trazer muita dor: “Você é mulher, é negra, e está optando por um mundo muito machista...” Ele me perguntou se eu queria pagar esse preço e que eu poderia rasgar o diploma e começar uma faculdade de verdade agora...

Apesar dela não ter dado ouvidos ao pai, enfrentou muito descrédito no decorrer de sua carreira. Por várias vezes sua capacidade e competência profissional foram questionadas. Ela lembra de um episódio de quando estava em campo para apitar um jogo importante de um município, que o prefeito fez o seguinte comentário:

- Cadê o outro árbitro? Estou vendo só um moço e três moças, o outro árbitro não vai chegar? Eu queria fazer uma foto antes. Aí meu colega disse: - Ela que vai arbitrar comigo. E o prefeito: - Ah, mas vai ser um jogo difícil, um jogo pegado, um jogo que é pra homem, pra macho... Então eu precisava dar o meu melhor, porque ainda ninguém me conhecia, o jogo estava sendo televisionado, tinha rádio, ginásio lotado... (relato de um episódio ocorrido no seu primeiro jogo no RS)

Sabemos que no esporte os árbitros possuem o mais alto grau de autoridade, poder e respeito. Segundo Elias e Dunning (1992), por muito tempo a figura dos árbitros foi comparada à dos policiais e juízes.

Provavelmente o que mais tenha incomodado o prefeito tenha sido o fato de ver uma mulher negra numa posição de comando e autoridade, afinal, elas costumam ser vistas em posições de subalternidade, subserviência e obediência aos brancos e brancas. Como diz Ribeiro (2018), “uma mulher negra no poder incomoda muita gente” (p.58).

Outro fato relatado pela árbitra foi sobre os questionamentos que eram feitos em relação as suas conquistas. Ela conta que ao ser escolhida por dois anos seguidos como a melhor árbitra de um campeonato, surgiram suposições de uma possível venda de seu corpo:

E quando você chega, você ouve muito assim: “com quem você dormiu pra estar nesse lugar? Com quantos você dormiu?” [...] Tu dormiu com o presidente?” [...]. As pessoas precisam achar que nós mulheres, para chegar onde estamos, é porque dormimos com alguém...

Segundo Ribeiro (2018), as mulheres negras carregam desde o período colonial, os estereótipos de serem “quentes”, sensuais e sedutoras. Isso faz com que seus corpos sejam desejados e considerados ‘fáceis’ de serem explorados.

Além disso, ela conta que ouve coisas durante as partidas, que jamais seriam ditas para árbitros homens.

“- Eu já ouvi tipo assim: Eu queria ver você apitar assim na minha cama! O jogador pedir pra ver meu cartão e anotar o número de telefone e me devolver [...] já ouvi o jogador dizer: -Ah você é muito gostosa, queria você assim lá na minha cama, e eu puxar o vermelho e dizer: -toma, vai!” Ele não falaria isso pra um árbitro homem!”

Ao ser questionada sobre a necessidade de incorporar comportamentos considerados masculinos para ganhar mais respeito entre os jogadores, ela diz o seguinte:

Nunca precisei faltar com educação, não falo palavrões, não é porque eu estou no meio de um esporte machista que eu tenho que ser macho... eu vou continuar sendo mulher, vou continuar usando meu short-saia, vou continuar usando meus vestidinhos no verão... Não é porque eu estou num meio de um esporte machista, [...] que eu vou deixar de ser mulher. Não! Eu vou continuar passando meu batom, continuo prendendo o meu cabelo, continuo sendo vaidosa, passando meu perfume, eu continuo...

Sua fala demonstra segurança e determinação em continuar sendo a pessoa que é. Não incorpora personagens, não altera comportamentos, tampouco o visual. Ela busca o respeito sendo ela própria.

Outro enfrentamento que nenhuma pessoa negra passa ilesa na vida é o preconceito racial. A árbitra relata inúmeras ofensas racistas vindas das torcidas durante as partidas; muitas vezes não era escalada em algumas cidades e por mais que alegassem outros motivos, ela sabia que o motivo real era por ela ser uma mulher negra.

A partir dessas narrativas, é possível concluir que se o gênero já exclui muitas mulheres do mundo do trabalho, porém, quando se entrelaça com outros marcadores sociais, a rejeição e a aceitação podem ser agravadas ou amenizadas.

REFLEXÕES FINAIS

Apesar de todos os desafios enfrentados pela árbitra, observamos que em nenhum momento ela se colocou na posição de vítima. Ao mesmo tempo em que relatava suas dificuldades, também destacava sua capacidade e competência para lidar com os fatos. Não demonstrou insegurança, fragilidade ou intimidação com as situações; pelo contrário, reforçou sua determinação e coragem. Tais atitudes podem ser interpretadas como uma estratégia de resistência, a fim de se contrapor aos discursos de inferiorização e subordinação que são atrelados às mulheres negras. E, apesar da pouca representatividade de mulheres negras na arbitragem, ela certamente representa uma força potente no rompimento de lógicas de gênero e raça enraizadas no mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho”?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328 – 2005.

JOSSO, Marie-Christine. **Processo Autobiográfico do Conhecimento da Identidade Evolutiva Singular-Plural e o Conhecimento da Epistemologia Existencial**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento (Orgs.). **A Aventura (Auto)Biográfica** – Tomo I, 458p. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p.59-89.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo. Cia das Letras, 2018.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

RODRIGUES Filho, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 2.ed. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1964.